



Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 23/03 – 27/03



Tailor Made

Tereos

Macroeconomia

No cenário internacional, a semana foi amplamente dominada pela incerteza geopolítica envolvendo Donald Trump e o Irã, com impactos diretos sobre energia, inflação e expectativa de política monetária global. O fluxo de notícias foi errático, alternando entre sinais de possível trégua e novas escaladas no conflito, o que manteve elevada a volatilidade dos mercados. O petróleo oscilou de forma intensa ao longo dos dias, reagindo tanto a declarações sobre negociações quanto ao risco concreto de interrupções no fornecimento, especialmente diante das ameaças envolvendo o Estreito de Ormuz. Mesmo quando surgiram sinais de alívio, o mercado seguiu precificando um prêmio de risco relevante, refletindo a percepção de que a situação permanece frágil e sujeita a deteriorações rápidas.

Esse ambiente contaminou diretamente os mercados financeiros globais. As bolsas alternaram sessões de alta e queda, refletindo a sensibilidade dos investidores às manchetes sobre o conflito. Em paralelo, houve uma mudança importante na precificação de política monetária nos Estados Unidos, com redução das apostas de cortes de juros ao longo do ano, diante do risco de uma inflação mais persistente impulsionada pela energia. A combinação entre petróleo elevado e incerteza geopolítica reforçou um cenário de maior cautela global, com impactos mais pronunciados sobre economias emergentes e ativos de risco.

No Brasil, os efeitos desse ambiente externo foram claros, especialmente via inflação, câmbio e política monetária. A ata do Comitê de Política Monetária indicou que o choque recente no petróleo piorou o balanço inflacionário, aumentando o risco de repasses aos combustíveis e exigindo uma postura mais cautelosa na condução dos juros. Apesar do início do ciclo de corte, a sinalização foi de que a flexibilização tende a ser mais lenta, diante da elevação das expectativas de inflação e do aumento das incertezas externas.

Os dados de inflação reforçaram essa leitura. A prévia de março veio acima do esperado, com alta disseminada entre os grupos, sugerindo uma dinâmica ainda pressionada, mesmo com o índice acumulado em doze meses relativamente comportado. Ao mesmo tempo, a atividade começou a dar sinais mais claros de desaceleração, enquanto o mercado de trabalho, apesar de ainda resiliente, mostrou leve deterioração na margem, com aumento da taxa de desemprego puxado por fatores sazonais.

O câmbio também refletiu esse ambiente mais volátil, oscilando em linha com o petróleo e com o apetite global por risco. Esse movimento adicionou complexidade ao cenário doméstico, afetando tanto a inflação quanto as condições financeiras. No geral, a semana consolidou um quadro em que o Brasil se torna ainda mais dependente do ambiente externo, com o choque de energia atuando como principal canal de transmissão, ao mesmo tempo em que limita o espaço para uma política monetária mais acomodatória no curto prazo.

Mercado Sucroenergético

A semana no mercado de açúcar foi marcada por forte volatilidade e, principalmente, pela crescente dominância do macro sobre os preços, ainda que os fundamentos tenham começado a ganhar mais relevância na margem. Após um início com correção, na esteira da queda do petróleo e do alívio nas tensões geopolíticas, o mercado rapidamente retomou o movimento de alta, sustentado pela recomposição de posições dos fundos e pela volta da energia como principal vetor direcional. Ao longo dos dias, ficou evidente que o açúcar passou a operar quase como uma extensão do complexo energético, reagindo de forma direta às oscilações do petróleo e ao câmbio, o que também amplificou os movimentos em reais.

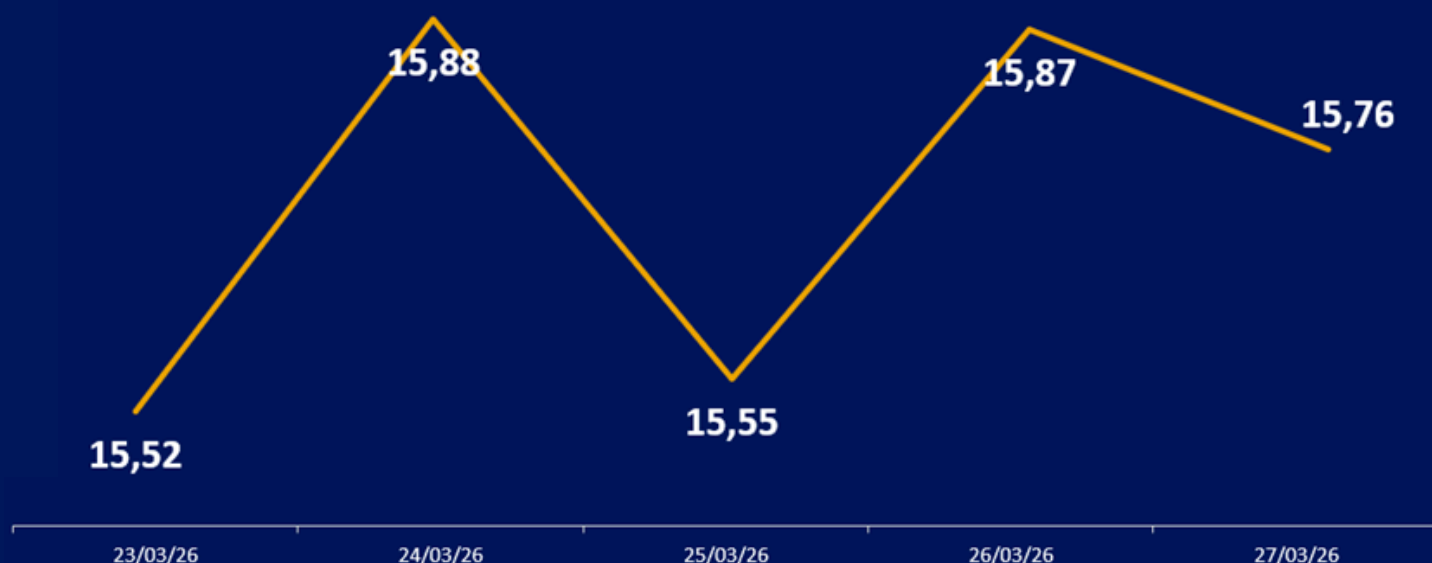
Do lado macro, o petróleo seguiu como peça central, influenciando tanto o humor dos investidores quanto a formação de preços no setor sucroenergético. A valorização da energia elevou as expectativas de reajustes nos combustíveis no Brasil, reforçando a competitividade do etanol e sustentando a percepção de um mix mais alcooleiro no Centro-Sul. Esse canal, somado ao impacto inflacionário global típico de cenários de conflito, ajudou a consolidar um viés mais construtivo para as commodities. Em paralelo, o câmbio também desempenhou papel relevante, com o real oscilando em linha com o petróleo e alterando de forma significativa a rentabilidade das usinas e os níveis de fixação.

Nos fundamentos, embora o balanço global ainda aponte para um cenário próximo do equilíbrio em 25/26, a dinâmica de fluxo começou a mostrar sinais mais apertados, especialmente no açúcar branco.

A menor presença da Índia no mercado internacional, combinada com um início de safra no Brasil mais voltado ao etanol, tem contribuído para uma deterioração do trade flow ao longo do segundo trimestre. Esse aperto já se reflete no físico, com prêmios mais firmes e percepção crescente de disputa pela oferta disponível. Ao mesmo tempo, a demanda segue resiliente, com destaque para a Ásia, reforçando a sustentação do mercado na base.

Outro ponto importante da semana foi a atuação dos fundos. A posição vendida, que ainda aparecia elevada nos dados mais recentes, começou a ser reduzida de forma relevante diante da alta dos preços, gerando um movimento expressivo de short covering. Essa recomposição ajudou a explicar a intensidade e a velocidade do rali observado, ainda que levante dúvidas sobre a continuidade do movimento caso esse fluxo comprador perca força. Tecnicamente, o mercado ganhou tração ao sustentar níveis importantes, mas já apresenta sinais de estiramento no curto prazo.

Por fim, o principal contraponto segue sendo o volume ainda não fixado pelas usinas do Centro-Sul. Com um percentual relevante da safra ainda em aberto, há um potencial expressivo de venda ao longo dos próximos meses, concentrado principalmente nas telas de julho e outubro. Esse fluxo tende a atuar como limite para movimentos mais prolongados de alta, especialmente em um ambiente em que os preços, apesar da recuperação recente, ainda não atingiram níveis historicamente elevados. Assim, a leitura da semana evolui para um viés mais construtivo no curto prazo, sustentado pelo macro, pela recomposição dos fundos e por sinais de aperto no físico, mas ainda condicionado por uma importante pressão vendedora potencial ao longo da safra.



Clima & Tempo

Ao longo da última semana, as chuvas na região Centro-Sul canavieira do Brasil foram irregulares, com uma concentração clara de precipitações acima da média nas áreas centrais, especialmente sobre São Paulo e partes de Minas Gerais. Em contraste, déficits de chuva foram mais evidentes nas regiões ao sul, incluindo o Paraná, além de partes do Mato Grosso do Sul. Essa distribuição ajudou a sustentar a umidade do solo nas principais regiões produtoras, sobretudo no núcleo do Centro-Sul. No entanto, as condições mais secas ao sul começam a se destacar, reforçando uma tendência localizada de seca. Olhando à frente, a persistência de chuvas abaixo da média no Paraná e no Mato Grosso do Sul pode começar a impactar as condições das lavouras, enquanto o tempo mais seco continua favorecendo o avanço da colheita.

Os modelos de previsão indicam uma divergência clara para os próximos dias no Centro-Sul. O modelo europeu aponta para um padrão predominantemente mais seco, com déficits de chuva generalizados, especialmente na faixa sul. Esse cenário também está alinhado com a transição sazonal da região para um período tipicamente mais seco. Por outro lado, o modelo americano sugere um cenário mais ativo, trazendo novamente chuvas acima da média para áreas centrais e do sul, incluindo São Paulo, Paraná e partes do Mato Grosso do Sul. Enquanto o modelo europeu reforça a continuidade da seca e um avanço mais forte da colheita, o modelo americano indica uma recuperação parcial da umidade, o que pode aliviar o estresse das lavouras, mas desacelerar os trabalhos no campo.

Este documento foi preparado pela Tereos (a "Companhia") com o único objetivo de atualização semanal dos fundamentos do Mercado de Açúcar. Este documento contém certas declarações que são prospectivas. Essas declarações se referem, em particular, às previsões da Companhia, sua expansão de operações, projeções, eventos futuros, tendências ou objetivos que estão naturalmente sujeitos a riscos e contingências que podem levar a resultados reais que diferem materialmente daqueles explicitamente ou implicitamente incluídos nessas declarações. A Companhia, assim como suas afiliadas, diretores, consultores, funcionários e representantes, se eximem expressamente de qualquer responsabilidade por tais declarações prospectivas. A Companhia não se compromete a atualizar ou revisar as declarações prospectivas que podem ser apresentadas neste documento para refletir novas informações, eventos futuros ou por qualquer outro motivo, e qualquer opinião expressa nesta apresentação está sujeita a alterações sem aviso prévio. Este documento não constitui, ou faz parte de uma oferta ou convite para vender ou comprar, ou qualquer solicitação de qualquer oferta para comprar ou subscrever quaisquer valores da Companhia em qualquer jurisdição. Este documento não deve constituir a base de, ou de que depende, em relação a qualquer contrato ou compromisso. Observe que todas as porcentagens incluídas na apresentação a seguir podem ser calculadas em números não arredondados e, portanto, podem variar das porcentagens calculadas em números arredondados.